

# Resumo de notícias econômicas

30 de julho de 2021 (sexta-feira)

Ano 3 n. 143

Núcleo de Inteligência da Sedet



**CEARÁ**  
GOVERNO DO ESTADO  
SECRETARIA DO DESENVOLVIMENTO  
ECONÔMICO E TRABALHO

# PRINCIPAIS NOTÍCIAS DE POLÍTICA ECONÔMICA: 30 DE JULHO DE 2021

## **Ala do governo propõe furar teto para pagar Bolsa Família**

### **O Estado de S. Paulo**

Integrantes da ala política do governo voltaram a cogitar a possibilidade de bancar o novo Bolsa Família, em 2022, com verbas fora do limite do teto de gastos ou com alteração da atual regra. A discussão está no radar da Casa Civil. O Ministério da Economia, porém, trabalha para reformular o programa respeitando o teto de gastos.

Com um espaço enxuto no teto de gastos em 2022, a possibilidade de bancar o novo Bolsa Família com recursos fora do limite de despesas, ou alterá-lo para acomodar o gasto extra, voltou ao radar de integrantes da ala política do governo. As opções são consideradas e têm defensores. O Ministério da Economia, por sua vez, não conta com nenhuma dessas alternativas e trabalha para reformular o programa mantendo as despesas sob o teto atual, segundo quatro fontes consultadas. A discussão entrou no radar da Casa Civil, que agora está sob o comando do senador Ciro Nogueira, um dos caciques do Centrão, bloco que dá sustentação política ao presidente Bolsonaro. O tema é de conhecimento de integrantes do Ministério da Cidadania. Já o ministro da Economia, Paulo Guedes, tem afirmado que a reformulação do programa será feita dentro das regras fiscais e que há espaço no teto para ir adiante com a medida.

Bolsonaro citou em entrevista à rádio Arapuan, na Paraíba, o envio de uma PEC para tratar do Bolsa Família. “Devemos, não está definido ainda, mandar uma PEC para acertarmos a questão do Bolsa Família. Se eu não tiver apoio dos partidos de centro, o Bolsa Família não tem como ser reajustado agora para novembro, dezembro”, disse na ocasião, justificando a troca ministerial para fortalecer sua aliança com o bloco. Segundo uma dessas fontes da ala política, a PEC citada por Bolsonaro seria para resolver o impasse do teto, regra que proíbe que as despesas cresçam em ritmo superior à inflação.

Bolsonaro tem acenado com um valor médio de ao menos R\$ 300 para o novo Bolsa Família. Dentro da equipe de formulação do novo programa, há quem avalie que esse benefício precisa ser até maior para evitar sensação de perda na população, que

ano passado começou recebendo um auxílio emergencial de R\$ 600. A política social do governo é considerada uma peça-chave para o presidente melhorar sua popularidade e disputar a reeleição em 2022.

O ministro da Cidadania, João Roma, disse que o governo pretende dar um reajuste de ao menos 50% no valor médio do Bolsa, hoje em cerca de R\$ 190 mensais. “Pretendemos isso ou até mais”, disse. Na ala contrária a qualquer movimento envolvendo mudanças no teto de gastos, a mensagem é que o Palácio do Planalto “não deve gostar de inflação a 10% e juros a 15%”, em referência aos impactos negativos que uma medida desse tipo teria na confiança de investidores e nos indicadores do País.

O espaço no teto está enxuto porque Bolsonaro tem outras ambições além do Bolsa Família. O presidente quer tirar do papel programas para turbinar a geração de empregos e conceder reajuste aos servidores. Um aumento de 5% ao funcionalismo teria impacto de R\$ 15 bilhões. Há ainda incertezas sobre quanto ficará a fatura das chamadas emendas de relator, usadas por parlamentares para direcionar recursos às bases eleitorais.

A equipe econômica estima que o espaço livre no teto seja de R\$ 25 bilhões a R\$ 30 bilhões em 2022. O sócio da RPS Capital, Gabriel Leal de Barros, calcula que só a reformulação do Bolsa Família resultará em despesa extra de R\$ 26,2 bilhões, considerando um benefício médio de R\$ 300 a 17 milhões de beneficiários. O valor da “folga” no teto foi revisto recentemente pela equipe econômica devido a uma redução na projeção de despesas com pessoal e Previdência, que se estenderá a 2022. Ontem, o secretário do Tesouro Nacional, Jeferson Bittencourt, assegurou que o espaço é “compatível” com um Bolsa Família para 17 milhões e valor médio de R\$ 300. Mas ainda há fatores de risco que podem reduzir esse espaço, como a crise hídrica e a possibilidade de novos reajustes na tarifa de energia elétrica, batendo na inflação que corrige benefícios pagos pelo governo. Os técnicos precisam fechar os detalhes antes do envio do Orçamento de 2022, que precisa ocorrer em 31 de agosto.

## **Contas do governo têm déficit de R\$ 53,6 bi**

### **Broadcast**

Depois de começar o ano no azul, as contas do governo central (que reúne Tesouro Nacional, Banco Central e INSS) tiveram um déficit expressivo em junho e encerraram o primeiro semestre com um rombo de R\$ 53,65 bilhões, informou ontem o Tesouro Nacional. O resultado foi influenciado pelas despesas extras de combate à covid-19. Apesar disso, o órgão destacou que os gastos ordinários do governo, como o pagamento da folha salarial e a Previdência, seguem sob controle, graças à manutenção de regras fiscais como o teto de gastos – que limita o avanço das despesas à inflação.

Só no mês de junho, o déficit foi de R\$ 73,5 bilhões. O rombo não é maior porque o governo tem registrado um aumento nas receitas, atribuído à recuperação da economia. Além disso, houve ingresso de R\$ 6,3 bilhões de empresas que começaram a pagar os empréstimos do Pronampe, programa de crédito criado na pandemia.

No primeiro semestre, a receita total do governo teve um crescimento real de R\$ 203,2 bilhões em relação a igual período de 2020. Mesmo com a recente melhora na arrecadação, o Tesouro ressalta que há um caminho a ser percorrido ainda na direção de um nível de endividamento mais prudente. Para o Tesouro, o quadro atual é fruto da manutenção e do respeito às regras fiscais, como a Lei de Responsabilidade Fiscal (LRF) e o teto de gastos. Os gastos da pandemia foram feitos com base em exceções previstas nesses dispositivos, enquanto as despesas normais se mantiveram sob o guarda-chuva das normas.

Além da LRF e do teto, o Tesouro cita ainda a Lei Complementar 173, que estabeleceu travas temporárias ao aumento de gastos, inclusive com reajustes de salários de servidores.

## **O salto do crédito imobiliário**

### **Broadcast**

A boa evolução do mercado imobiliário, que mostrou grande resistência à crise provocada pela pandemia de covid-19, deve-se manter pelo menos até o fim do ano. Os financiamentos para a compra e a construção de moradias com recursos das cadernetas

de poupança deverão bater o recorde neste ano, alcançando R\$ 195 bilhões, de acordo com projeções da Associação Brasileira das Entidades de Crédito Imobiliário e Poupança (Abecip).

Se o número, anunciado pela presidente da entidade, Cristiane Portella, se confirmar, o crescimento será de 57% em relação a 2020, quando foram liberados empréstimos de R\$ 124 bilhões. O resultado do ano passado é, até agora, o maior já registrado pela Abecip, o que o torna ainda mais expressivo, pois o recorde foi alcançado quando a maioria dos setores da economia brasileira encolhia por causa da pandemia. Para ter uma noção mais precisa do feito, lembre-se que os financiamentos alcançaram R\$ 79 bilhões em 2019, R\$ 57 bilhões em 2018 e R\$ 43 bilhões em 2017.

Os números mostram firme recuperação dos financiamentos imobiliários com recursos da poupança que nem a pior crise econômica em várias gerações conseguiu interromper – e a retomada se mantém. Dados dos primeiros seis meses deste ano indicam que as projeções da Abecip podem até estar subestimadas. Os financiamentos para compra e construção de moradias com recursos da poupança alcançaram R\$ 97 bilhões, o que representa alta de 124% em relação ao primeiro semestre de 2020. Considerando-se também os financiamentos com recursos do Fundo de Garantia do Tempo de Serviço – segunda maior fonte de financiamentos imobiliários, atrás da poupança –, o total alcança R\$ 121,7 bilhões no primeiro semestre, 73% mais do que em igual período de 2020.

De acordo com a Abecip, os financiamentos para a compra de imóveis por pessoas físicas somaram R\$ 79,7 bilhões, com alta de 133% no semestre. Desse valor, R\$ 55,0 bilhões foram destinados a imóveis novos e R\$ 24,7 bilhões a imóveis usados. O crédito imobiliário para construtoras chegou a R\$ 17,4 bilhões. O crédito pessoal em que o imóvel é dado como garantia somou R\$ 1,8 bilhão. Há espaço para a carteira de crédito imobiliário crescer. No Brasil, lembrou a presidente da Abecip, ela corresponde a 9,8% do PIB; no Chile, a mais de 20%.

## **País gera 1,5 milhão de empregos formais no 1º semestre, diz Caged**

### **Broadcast**

Com muitos empregados ainda “blindados” pelo programa que permitiu às empresas reduzir jornada e salário ou suspender contratos, o mercado de trabalho formal gerou 1,5 milhão de vagas no primeiro semestre deste ano. No mesmo período de 2020, quando houve mais restrições à mobilidade por causa da pandemia, foram perdidos 1,9 milhão de postos. Os dados são do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged).

Em junho, foram abertas 309 mil novas vagas, no sexto mês com saldo positivo. Para economistas, a geração de postos com carteira assinada deve continuar apresentando bons resultados nos próximos meses como efeito da reabertura da economia, da confiança dos empresários na retomada da atividade e na manutenção do consumo. Mas o ritmo deve ser menor. Pelos cálculos da XP, no primeiro semestre a criação de postos formais foi, em média, de 220 mil por mês. Para o segundo semestre, segundo o economista Rodolfo Margato, a expectativa é de geração de 150 mil vagas mensais. No ano, a XP conta com a abertura de 2,18 milhões de empregos com carteira assinada.

Já a consultoria LCA revisou as projeções ontem, com a divulgação do resultado de junho. Agora, de acordo com o economista Bruno Imaizumi, a expectativa é que o ano termine com geração de 2,3 milhões de vagas (a projeção anterior era de 2 milhões). “A tendência do mercado de trabalho é de recuperação, mas os números estão superestimados porque bastante gente está dentro da garantia provisória do BEm”, afirmou.

O BEm é o programa que permite às empresas reduzir a jornada e os salários ou suspender os contratos. Os trabalhadores atingidos recebem um benefício pago pelo governo. Para cada mês no programa, o empregado tem o mesmo período de proteção à sua vaga. O programa foi relançado em abril pelo governo por mais quatro meses neste ano.

Em junho, 3,558 milhões de trabalhadores seguiam com garantia provisória de emprego graças às adesões em 2020 ou 2021 – isso equivale a pouco menos de 10% do total dos trabalhadores com carteira assinada do País.

## **Com geadas, estimativas de inflação superam 7%**

### **Broadcast**

As geadas da semana passada e as esperadas até amanhã vão pressionar o preço dos alimentos e se somar a um cenário já complexo para a inflação, que está fazendo economistas reverem as projeções para o IPCA de 2021. As estimativas começam a ultrapassar os 7%, quase dois pontos percentuais acima do teto para a inflação perseguido pelo Banco Central. Se isso se verificar, o País registrará neste ano a maior inflação desde 2015, quando foi de 10,67%.

O Santander prevê hoje um IPCA de 6,7%, mas, diante da alta esperada nos alimentos e da crise hídrica – que deve pressionar os preços em geral –, os economistas do banco já falam em patamares mais elevados. “Com todos os riscos atuais, a cara do IPCA é mais para 7,3%”, diz o economista Daniel Karp. A consultoria Tendências projeta 6,1%, mas, segundo o economista Marcio Milan, esse número será revisto nos próximos dias. “Claramente, o viés é de alta”, diz.

A XP, que ainda projeta 6,7%, divulgou um relatório ontem em que afirma ver a possibilidade de que o aumento dos preços ultrapasse os 7%. Segundo a economista Tatiana Nogueira, autora do documento, a empresa deve esperar o início da semana que vem para analisar o impacto das geadas que devem ocorrer até amanhã e, então, mudar oficialmente sua estimativa para a inflação.

As projeções contrastam com o que se esperava no início do ano, quando se tinha a expectativa de que os preços aumentassem 3,5% em 2021. Até agora, a principal alavanca da inflação foi a gasolina, que, segundo a Tendências, deve subir 24,5% com o aumento da demanda decorrente do reaquecimento econômico. Nos últimos meses, a crise hídrica passou a ser motivo de preocupação. Diante da falta de água e dos consequentes reajustes na conta de luz, a alta na energia já acrescentou 0,68 ponto percentual ao IPCA e poderá adicionar mais 0,13 ponto caso um novo reajuste seja aprovado – como é esperado –, de acordo com o Santander.

Agora, é a vez de a geada dar mais um impulso à inflação. Por enquanto, as produções de café, hortaliças e frutas foram as que tiveram as maiores perdas. Com a redução da oferta, os preços devem subir rapidamente. A XP calcula que esse efeito possa significar mais 0,1 ponto porcentual ao IPCA. “Apesar de ser um aumento menor, esse risco é o mais provável. Os agricultores já estão reportando perda na produção. Isso vai bater provavelmente nos preços coletados na semana que vem”, diz Tatiana, da XP. O outro risco no radar da economista é uma elevação maior nos preços dos serviços em decorrência da reabertura da economia. Segundo ela, esse movimento pode acrescentar mais 0,2 ponto porcentual à inflação. Prejuízo no campo. No Santander, o impacto da geada fez os economistas elevarem a projeção do IPCA de alimentos de 7% para 8,2% neste ano. Só no Estado de São Paulo, a perda na produção deve ficar, em média, entre 15% e 20%, de acordo com a Federação da Agricultura (Faesp). O vice-presidente Tirso Meirelles classificou a geada da semana passada como a pior desde 1975 para o setor.

A geada registrada ontem também causou prejuízo em praticamente todo o interior do Estado. Em Itapetininga, 20 hectares de pasto cultivados pela criadora Maria Cândida Soares Silva terminaram de “queimar” na madrugada passada. Ela precisou alimentar com ração no curral as vacas de leite da raça Jersey. “O pasto foi adubado e estava muito bom. Na geada passada, ressecou o capim mais alto, mas agora pegou até a raiz”, lamentou.

Em Piedade, houve perda de morangos. Em Apiaí, plantações de banana foram atingidas. Alguns produtores salvaram parte da produção ensacando os cachos. Também houve prejuízos no Vale do Ribeira, maior região produtora de bananas do Estado.

## **Getnet amplia expansão no mercado europeu**

### **Broadcast**

O Santander deu mais um passo para levar seu negócio brasileiro de maquininhas para o mundo e anunciou ontem que sua fintech de pagamentos, a Pagonxt, vai desbravar o mercado da Europa sob a marca Getnet. Depois de Espanha e Portugal, o objetivo é avançar para outros países, em um total de 30 mercados na região. Na



América Latina, o Santander planeja entrar também no Uruguai “em breve”. Terceira maior empresa de maquininhas do Brasil, com 1,1 milhão de clientes, a Getnet já atua nos mercados do México, do Chile e da Argentina.

Em recente entrevista, durante o programa Olhar de Líder, o presidente da Getnet, Pedro Coutinho, disse que a companhia, que nasceu como uma startup, no Rio Grande do Sul, em 2003, planeja ainda ingressar nos Estados Unidos, o que estaria previsto para 2023.

Na Europa, onde pretende estar em plena operação em 2022, a ideia é alcançar comerciantes de todos os tamanhos em 30 países, atraindo tanto clientes do Santander quanto não correntistas. Um dos impulsos para a expansão da marca brasileira na Europa foi a aquisição de ativos da alemã Wirecard. Após um escândalo de fraude contábil, a empresa engrenou em uma série de desinvestimentos ao redor do globo, sendo alguns deles adquiridos pelo Santander. “A implantação global da Getnet está à frente do planejado. Nosso objetivo é ajudar os clientes na Europa e nas Américas a expandirem seus negócios, tornando os pagamentos mais fáceis e seguros, usando as melhores tecnologias disponíveis”, disse o diretor de operações da Pagonxt, Javier San Félix, em nota à imprensa.

Dos mais de 2,3 mil funcionários da Getnet no mundo, 600 estão na Europa. Lá, o objetivo, conforme o banco espanhol, é aumentar 20% do quadro para auxiliar a estratégia de crescimento. Os planos de expansão do Santander miram para 150 milhões de clientes no negócio de pagamentos, incluindo as pequenas e médias empresas, e 60 milhões de cartões ativos. Essa é a base, conforme o banco, para dobrar a o volume de transações digitais entre os anos de 2020 e 2025, chegando à marca de US\$ 10,5 trilhões.

Sujeita às aprovações regulatórias necessárias, a incorporação da Getnet Brasil à fintech Pagonxt está prevista para o fim do ano, de acordo com o Santander. No Brasil, o Santander já obteve o aval do Banco Central para segregar o seu negócio de maquininhas. A autorização era um dos passos restantes para que o banco pudesse seguir com o planejamento de listar a Getnet na Bolsa. Aguarda o registro de companhia aberta solicitado aos reguladores do mercado de capitais, a CVM, no Brasil, e a SEC (Comissão de Valores Mobiliários dos Estados Unidos).

## **Ambipar negocia Biofílica, de crédito de carbono**

### **Broadcast**

A Ambipar, de gestão de resíduos, está negociando mais uma aquisição: agora o alvo seria a empresa de créditos de carbono Biofílica, apurou o Estadão. Se confirmada, a compra da Biofílica será a 18.<sup>a</sup> em um ano. Em 2021, com investidores animados com a expansão acelerada, a ação da Ambipar já subiu mais de 60%. Com o negócio de crédito de carbono em alta, dada a crescente demanda por empresas em busca de zerar suas emissões, a Ambipar não seria a única interessada no negócio, disse uma fonte. Caso venha mesmo a ocorrer, a aquisição da Biofílica será a entrada da Ambipar em um negócio que tem potencial de grande expansão.

A Ambipar acaba de completar seu primeiro aniversário como empresa de capital aberto. Nesse período, colocou o pé no acelerador. Na oferta inicial de ações (IPO, pela sigla em inglês) na Bolsa brasileira a empresa levantou cerca de R\$ 1 bilhão, dinheiro que colocou no caixa. A aquisição da Biofílica pode ser a terceira da empresa só em julho. Desde o IPO, a companhia já desembolsou R\$ 1,4 bilhão em aquisições.

A Biofílica foi fundada em 2008 e é uma empresa brasileira de conservação de florestas nativas a partir de serviços ambientais. A venda de crédito de carbono é feita para empresas que buscam neutralizar suas emissões. Entre os acionistas da Biofílica, há vários nomes de peso no mercado, como Guilherme Leal, da Natura, e Aakon Lorentzen, do Grupo Lorentzen.

Além das empresas no Brasil, a Ambipar colocou os dois pés no mercado americano e hoje já está em dez Estados do país. Procurada, a Ambipar disse desconhecer a negociação.

## **Seis startups chegam para vender carros usados**

### **Broadcast**

Com justificativa semelhante, a de revolucionar o bilionário mercado de compra e venda de carros usados, seis startups se instalaram no Brasil nos últimos quatro anos. A última delas, a mexicana Kavak, iniciou operações oficialmente ontem, com aporte inicial de R\$ 2,5 bilhões. O valor vem de uma captação de US\$ 485 milhões feita em abril.

Todas estão de olho num segmento que movimenta cerca de R\$ 600 bilhões em mais de 10 milhões de transações ao ano. De acordo com a Federação Nacional da Distribuição de Veículos (Fenabreve), no primeiro semestre foram vendidos 5,45 milhões de automóveis e comerciais leves usados, 63% acima de 2020, ano afetado pela covid.

A Kavak inicia atividades com estoque de 2,5 mil carros de até 10 anos de uso e pretende chegar ao fim de 2022 com 100 mil unidades em inventário e 50 mil vendas. O negócio pode ser feito online, mas o consumidor tem a opção de ir a uma loja em São Paulo, número que será ampliado para outros Estados. Roger Laughlin, fundador da Kavak e presidente da unidade brasileira, informa que a empresa oferece um ecossistema que inclui, no momento da compra, a vistoria de 240 itens e estudo documental do veículo. Fechado o negócio, o carro vai para um centro de recondição em Barueri para consertos necessários e é ofertado pelo site.

O modelo é revendido com dois anos de garantia, e a plataforma oferece, por meio de parcerias, financiamento, documentação, seguro e manutenção. “Oferecemos a solução mais completa do mercado”, diz Laughlin. Segundo ele, “comprar um carro usado era um processo complicado, burocrático e muitas vezes inseguro”.

“A garantia de dois anos, prazo inédito nesse mercado, reforça nosso modelo de negócio de criar uma relação duradoura com o cliente, que é nosso maior diferencial”, diz o executivo.

A empresa tem 300 mil m<sup>2</sup> em infraestrutura e planeja expandir para mais de um milhão de m<sup>2</sup>. Já contratou 500 funcionários e chegará a mil ao longo dos próximos meses. Criada em 2016, a Kavak foi o primeiro unicórnio (startup que atinge valor de US\$ 1 bilhão) no México e, foi avaliada em US\$ 4 bilhões. O grupo abriu também filial na Argentina em 2020.

De olho no mercado, a fintech Credits adquiriu no início do mês a Volanty, startup voltada a compra e venda de veículos fundada em 2017. A ideia é reforçar a Credits Auto, que se propõe a apoiar o cliente em todas as etapas de acesso digital para compra, venda e troca, financiamento e seguro do carro.

A Carupi, criada no fim de 2019, conecta compradores e vendedores de carros através de tecnologia e de um serviço de concierge de atendimento.

Outra startup nascida em 2019 é a Dryve, que este ano lançou o que chama de Agente Autorizado. Qualquer pessoa com experiência em venda de veículos pode operar a plataforma em sua região. A rede já tem 2 mil agentes que atuam em todos os Estados na compra e venda de seminovos entre particulares.

A plataforma argentina Karvi chegou ao Brasil no ano passado para vender carros novos, seminovos e usados de forma integrada com o estoque de mais de mil concessionárias e lojas independentes do País. Na opinião do presidente da Bright Consulting, Paulo Cardamone, o que atrai empresas ao Brasil “é o mercado de venda de dinheiro caro, pois a maioria dos negócios com os usados é feita por meio de financiamento com os juros mais altos do mundo”.

## **Reforço ‘Edtech’ indiana desembarca no Brasil**

### **Broadcast**

Maior startup de educação do mundo, a indiana Byju’s anuncia hoje sua chegada ao Brasil. Depois de crescer em seu país de origem e se consolidar como “unicórnio” (como são batizadas as empresas de inovação que valem mais de US\$ 1 bilhão), a startup quer disputar o mercado educacional brasileiro com aulas de programação para crianças, complementando o currículo do ensino tradicional com atividades para os pequenos. É um reforço para o setor de “edtechs” do País, que conta com 566 empresas atualmente, mas nenhum unicórnio.

Fundada em 2011 na Índia, onde é a gigante nacional de inovação, a Byju’s dá continuidade à expansão internacional que começou neste ano em países como Austrália, Estados Unidos e Reino Unido. Agora, além do Brasil, os mercados do México e da Indonésia também são os novos alvos da startup, avaliada em US\$ 16,5 bilhões após captar US\$ 1,5 bilhão em uma rodada finalizada no último mês de junho. “O País é um dos grandes mercados mundiais e, apesar da crise econômica, o setor de startups está bombando. É natural desembarcar aqui”, afirma o presidente da Byju’s no Brasil, Fernando Prado.

A Byju’s é dona de uma plataforma para computadores que conecta alunos a professores por meio de vídeo. A empresa atesta que o diferencial do modelo, frente a plataformas de videochamadas como Zoom e Google Meet, está na metodologia criada

pelo fundador da startup, Byju Raveendran: a startup aposta em um ensino individualizado com elementos de gamificação, em que cada estudante precisa entregar atividades nas aulas. No mundo, a plataforma tem 100 milhões de estudantes, sendo 6,5 milhões de assinantes pagos. Além disso, a Byju's foca o ensino em crianças de 6 anos até adolescentes de 15 anos, diferente de parte das startups rivais no País, que segmentam o negócio nos jovens em época de pré-vestibular, como a Descomplica. A operação é inaugurada com aulas de programação com até 18 meses de duração – elas são oferecidas aos estudantes e podem sair por até R\$ 500 mensais.

Em um mercado com escassez de programadores, como o do Brasil, a Byju's reconhece que é positivo formar o que podem ser os futuros desenvolvedores das startups e empresas do futuro, mas a indiana tem como foco ensinar programação para aprimorar habilidades como lógica e criatividade. Aulas de matemática e música também devem entrar no cardápio da startup no Brasil até o fim deste ano, similar aos outros mercados em que atua.

A Byju's, que entrou em pré-operação no País há um mês, já tem 300 funcionários trabalhando na empresa por aqui, além de 1,5 mil estudantes matriculados em todos os Estados e 400 professores aprovados na plataforma para lecionar. A meta é ter 3 mil docentes parceiros até o final de 2021 – o modelo de contratação dos educadores é semelhante ao do Uber.

Assim como os setores do varejo e finanças, a adoção de tecnologia na educação durante a pandemia de covid-19 foi essencial para a continuidade das atividades escolares dos pequenos aos mais velhos. Gmeiner acrescenta que a Byju's chega em um cenário de diminuição da barreira do preconceito com plataformas de videoaula, possibilitando a expansão do setor de edtechs, que fica mais receptivo a nomes estrangeiros. Apesar de ter um bom “timing”, a startup terá desafios à frente. Conectividade e acesso a dispositivos de tecnologia são os dois principais entraves para os alunos – a empresa indiana não tem aplicativo para smartphone (aparelho mais popular no Brasil) e funciona apenas em PCS por meio de website.

“O fato de a Byjus não usar o celular cria uma barreira do público que eles vão conseguir acessar”, aponta Lucia Dellagnelo, diretora presidente do Centro de Inovação para Educação (Cieb), acrescentando que 90% dos jovens do País acessam a internet

pelo smartphone. A especialista explica, porém, que o computador ainda é um dispositivo melhor para o aprendizado, inclusive de programação. “A qualidade com o dispositivo móvel acaba sendo mais limitada.” “Atacamos um tipo de público mais privilegiado, mas trabalhamos para desenvolver ferramentas para expandir para todas as crianças do País”, explica Prado, citando que a experiência na Índia, que enfrenta desafios parecidos devido à similaridade social-demográfica, é um bom comparativo. No futuro, a Byju’s não descarta fazer parcerias com operadoras de telecomunicações para melhorar o serviço ou reduzir custos de conexão móvel. “A gente sabe que não é só copiar e colar a operação de outro país. É preciso fazer adaptações.”

***Assessoria de Comunicação – Sedet***

***Fone: (85) 3444.2900***

***[www.sedet.ce.gov.br](http://www.sedet.ce.gov.br)***

## INDICADORES ECONÔMICOS E SOCIAIS

TAXA DE CRESCIMENTO ANUAL DO PIB (JAN-DEZ)				
	2018	2019	2020*	2021**
Ceará	1,45	2,67	-3,56	5,77
Brasil	1,78	1,41	-4,06	4,85

VALOR CORRENTE DO PRODUTO INTERNO BRUTO ANUAL (PIB) (R\$ MILHÕES) (JAN-DEZ)				
	2018	2019	2020*	2021**
Ceará	155.903,82	166.959,80	168.285,73	188.355,17
Brasil	7.004.141,00	7.407.023,57	7.447.858,25	8.263.567,80

PARTICIPAÇÕES PIB ANUAL (%) (JAN-DEZ)				
	2018	2019	2020*	2021**
PIB_CE/PIB_BR	2,23	2,25	2,26	2,28
Participações População (%)	4,35	4,35	4,34	4,33

Fonte: IBGE e IPECE.

Notas: (\*) Valores estimados, sujeitos a revisão; (\*\*) Valores projetados, sujeitos a revisão;

Atualizado em 17/06/2021.

CONTAS EXTERNAS DO CEARÁ (US\$ MILHÕES) (JAN-JUN)				
	2018	2019	2020	2021
Exportações	1.025,65	1.130,41	951,02	1.071,64
Importações	1.305,02	1.097,79	1.206,18	1.540,16
Saldo Comercial	-279,37	32,62	-255,16	-468,52

Fonte: MDIC.

ESTOQUE DO VOLUME DE CRÉDITO				
	2018	2019	2020	2021 (Até maio)
Brasil (R\$ Tri)	-	3,48	4,02	4,18
Ceará (R\$ Bi)	71,32	76,77	87,14	89,31

Fonte: Banco Central.

PRINCIPAIS ÍNDICES				
ATIVIDADE (Acumulado até Maio) (base: igual mês ano anterior) (%)				
	2018	2019	2020	2021
Produção Física Industrial	0,7	2,8	-22,1	25,3
Pesquisa Mensal de Serviços	-9,3	-3,1	-11,7	2,8
Vendas Mensais do Varejo Comum	3,6	-0,8	-17,8	5,1
Vendas Mensais do Varejo Ampliado	5,0	2,8	-17,2	19,2
INFLAÇÃO (Acumulado até Maio)				
	2018	2019	2020	2021
IPCA -BRASIL	3,75	4,31	4,52	3,77
IPCA -FORTALEZA	2,9	5,01	5,74	5,11
INPC	-	4,48	5,45	3,95
IGP-M	7,54	7,3	23,14	15,08

Fonte: IBGE e FGV.

MERCADO DE TRABALHO - CEARÁ				
INDICADOR	2018	2019	2020	2021.1
Desocupação (%)	10,1	10,1	14,4	15,1
Nível de ocupação (%)	50,3	50,8	42,8	40,4
População em idade de trabalhar	7.312 (100%)	7.410 (100%)	7.620 (100%)	7.623 (100%)
	4.088	4.185	3.808	3.631
Força de trabalho (mil)	(56%)	(56%)	(50%)	(48%)
Ocupada (mil)	3.676	3.762	3.259	3.082
Formal (mil)	1.630	1.702	1.534	1.422
Informal (mil)	2.046	2.060	1.725	1.660
Desocupada (mil)	412	423	549	549
Fora da Força de trabalho (mil)	3.224 (44%)	3.225 (44%)	3.812 (50%)	3.992 (52%)
Desalentados (mil)	328	358	466	466
Rendimento médio real habitual de todos os trabalhos das pessoas ocupadas (R\$)	1.525	1.685	1.656	1.766

Fonte: IBGE (PNAD Contínua).

ESTOQUE DE EMPREGO FORMAIS							
REGIÃO/ANO	2015	2016	2017	2018	2019	2020*	2021* (Até junho)
Ceará	1.542.759	1.443.365	1.464.948	1.471.704	1.509.818	1.523.888	1.547.833
Nordeste	8.899.279	8.436.203	8.543.651	8.647.237	8.683.272	8.704.922	8.829.593
Brasil	48.060.807	46.060.198	46.281.590	46.631.115	47.554.211	47.633.520	48.866.892

Fonte: RAIS/ME e NOVO CAGED.

\* O estoque de empregos 2020: Estoque de empregos em 2019 + o saldo das contratações de 2020.

\*\* O estoque de empregos 2021: Estoque de empregos em 2019 + o saldo das contratações de 2020 e 2021.

CADASTRO GERAL DE DESEMPREGADOS E EMPREGADOS DO CEARÁ (JAN-MAIO)		
Indicadores	2020	2021
Contratações	136.612	182.814
Demissões	181.915	158.869
Saldo de Empregos Gerados	-45.303	23.945

Fonte: NOVO CAGED.

ABERTURA/FECHAMENTO DE EMPRESAS NO CEARÁ (JAN - JUN)				
ESPECIFICAÇÕES	2018	2019	2020	2021
Abertura	35.121	40.957	38.404	55.775
Fechamento	57.673	15.613	13.265	17.844
Total	-22.552	25.344	25.139	37.931

Fonte: JUJEC.

PECEM - TOTAL DE MOVIMENTAÇÃO DE CARGA (TONELADAS) (JAN-JUN)				
PERÍODO	2018	2019	2020	2021
	8.594.172	7.416.995	8.025.916	10.038.097

Fonte: CIPP